



festivalma XI
novas **conexões**

MAIS PRESSÃO
DO QUE ESSA,
SÓ COM AS DUCHAS
LORENZETTI



CONHEÇA A NOVA DUCHA
DUO SHOWER
QUADRA TURBO

LORENZETTI
Mais do que você imagina

www.lorenzetti.com.br



Pedestre, use sua faixa.

PAJEROTR4ONEILL.COM.BR

AFRICA

PAJERO TR4 O'NEILL

LEVE O SURFE PARA ONDE VOCÊ FOR.

BANCO COM CAPAS REMOVÍVEIS DE NEOPRENE.

RACK GO SURF: COM ESPUMA EXCLUSIVA O'NEILL.

JACK O'NEILL LIMITED EDITION: PLACA NUMERADA DE 1 A 600.

CAPA DE ESTEPE RÍGIDA E PARA-CHOQUE DE IMPULSAO.

RODAS GRAFITE ARO 17". TRANSMISSÃO AUTOMÁTICA E TRACÇÃO 4X4 SUPER SELECT.

MITSUBISHI PAJERO TR4 É **4x4** É DIVERSÃO.



Índice

Parte #1_Novas Conexões

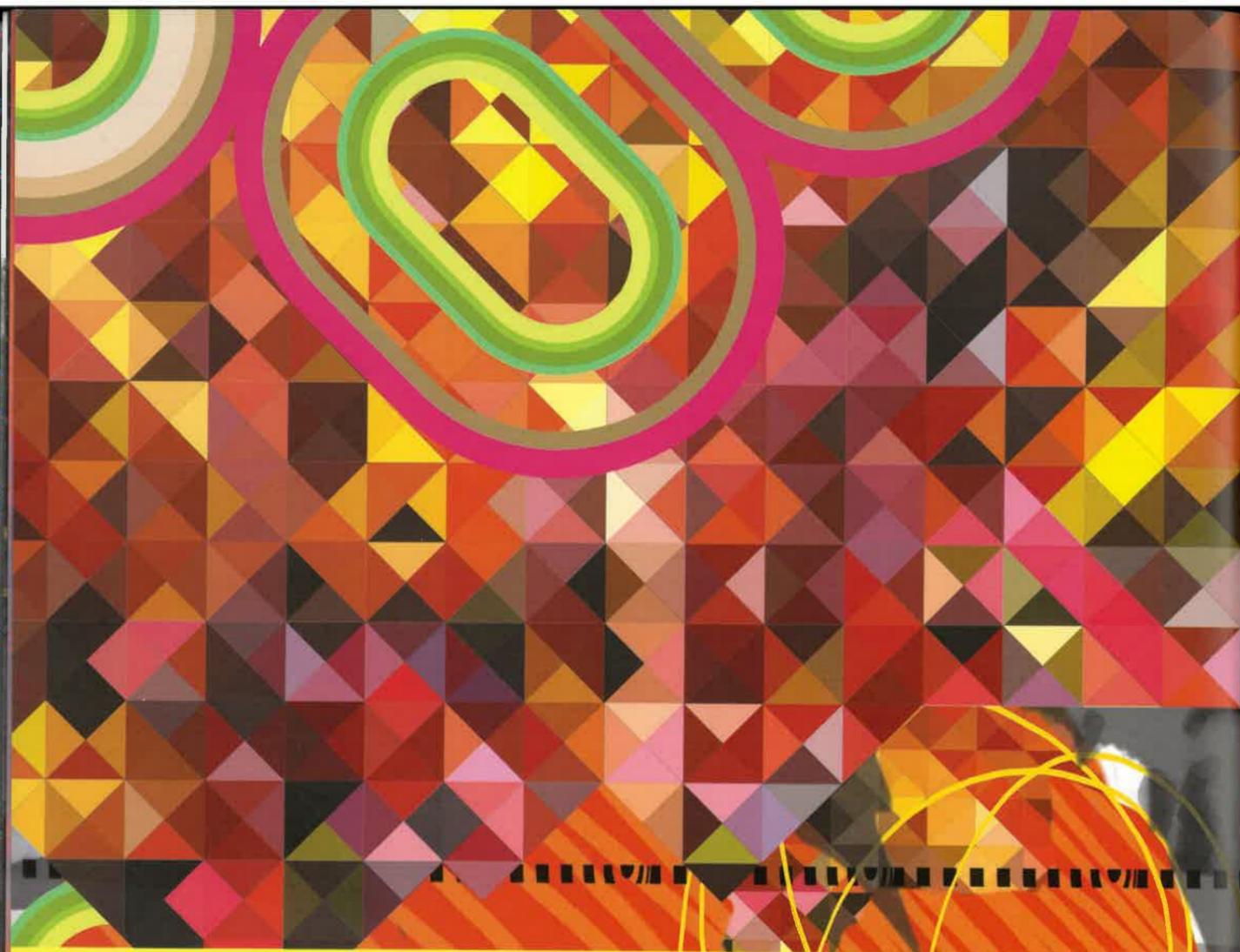
Editorial por Romeu Andreatta	página 08
Novas conexões a partir do Atlântico por Vitor Hugo Souza	página 10
Uma nova era para o surf por Dragão Andraus	página 18

Parte #2_Novas Fronteiras

Editorial por André Poli	página 24
Janet Echelman por Amer Moussa	página 26
Joran Briand por Marcella Aquila	página 30
André Poli por Marcella Aquila	página 34
Fred Pompermayer por Romeu Andreatta	página 40
Cité de l'Océan et du Surf por Amer Moussa	página 46

Parte #3_Neo Ohana

Editorial por Marcella Aquila	página 52
A inclusão das mulheres no surf por Alessandra Berlink	página 54
Surf for all por Marcella Aquila	página 58



Parte #1

Novas Conexões

Editorial
por Romeu Andreatta

Estamos consolidando nossa verve editorial experimental com visão sobre o momento que vivemos na praia, no mundo, no cosmos.

Do aloha spirit ao for all, do oceano Pacífico ao Atlântico, são quinze anos de Almasurf...

Arte como expressão, cultura como definição, esporte como emoção, água e praia como ambiente... Blessed Almasurf life.

Editando mais uma Almasurf, a de #77, numerologia, magia, astrologia, surfologia, amorologia, sexologia... tudo forte para esta receita que quer ser uma proposta do que nasce deste momento frenético, caótico que a diversidade da globalização e digitalização da vida tem nos colocado.

Impossível hoje se desligar, desconectar o ar e o agente midiático. Tudo é mídia e comunicação; está no ar um tráfego absurdo de carregamento de dados e informações nunca imaginadas...

A nós, que vivemos a praia, o mar e o surf, acredito que não surpreenda ou espante; somos conectados, globalizados há pelo menos cinquenta anos, tempo que celebra a primeira round surf trip e inaugurou a filosofia do verão sem fim, com Bruce Brown

filmando Robert August pelos quatro continentes e mares, seguindo o verão...

Isso já era a conexão analógica (nossa internet era o mar), que fizemos mais e mais ao longo das próximas décadas... Formamos a internet analógica nos anos 1970/80, e isso se transformou em mercado, cultura, estilo de vida.

Isolados ou, melhor, independentes ficamos até a grande percepção que se formou com as grandes marcas nos catapultar para a massiva simpatia e encantamento da sociedade.

Saímos da redoma, disputamos a atenção, a audiência e o consumo com outros estilos de vida e esportes.

Dominados pela internet digital, somos hoje realidade social, esportiva, mercadológica e cultural.

Como já imprimia o conceito "tu es responsável pelo que cativas", o Pequeno Príncipe nos ensinou lá atrás, na nossa infância, o que adultos entendemos melhor com a máxima "ajoelhou, tem que rezar"...

Temos agora o desafio e a responsabilidade de fazer aumentar, crescer sem parar a inspiração, o hedonismo que o surf, a praia e os esportes com prancha têm.

Gerando valores, comportamento e assim moda/entretenimento/mercado/mídia...

Entendo, enxergo um alinhamento novo de referências... descolado do DNA do segmento do aloha spirit. Estamos indo para o free spirit, para o for all, para o share...

Sempre acreditei e pratiquei o compartilhar dos meus feelings gerados pelas experiências e paixão pelo mar, as ondas, a praia, a vida... por isso me tornei editor.

Momento mágico poder dividir, contaminar e inspirar milhares de pessoas com o que fazemos e temos que fazer cada vez mais.

Novas conexões dialogam com este momento caótico/dinâmico/mágico/perigoso/massivo que estamos vivendo.

Conexão atlântica...
Brasil/Portugal/França/África do Sul/Caribe/Flórida/New York,
Atlantic aloha e... for all...
Mídias, distribuição, produtos... para todos.

Conexão cultural...
Janet Echelman, Joran Briand, André Poli, Fred Pompermayer e demais designers e celebrities que sejam surfistas e eminências pardas culturais.

Com isso saímos do processo naïf figurativo, contemplativo para a expressão e inspiração via arte, via encantamento. Voltaremos

a inspirar assim... arte/expressão/celebração/paixão e alegria... com paz.

Conexão mercadológica...
Milhares de pessoas se transformando em praticantes de esportes com prancha...
Milhares de novos simpatizantes...
Milhares de novos consumidores...
Mercado para todos...
Nem começamos... o ciclo, novo ciclo vindo das novas conexões.

Conexão social...
Das elites sociais para a inclusão social, somos a mais longa, larga e gorda definição de perfil de consumidor.

De 0 a 80, masculino/feminino, classes A, B, C, D, E, todas as raças, credos, escolaridades...
Absolutamente for all.

Novas conexões são on-line, off-line... concretas, abstratas... elas acontecem pela percepção sutil do que nos inspira e nos toca.

Acredito na nova referência parida da diversidade, do pluralismo e da intensidade com que apreendemos a viver e sentir, depois que surfamos ondas incríveis, montanhas de gelo maravilhosas, ladeiras e pistas de concreto... voamos com nossas pipas... Fica tudo muito e... escuto isto sempre de uma surfista de alma... muito tudo.

Acredito que a paixão pelo mar, pelo surf, vai nos alimentar de criatividade suficiente para sempre nos reinventarmos.

Acredito que mais surfistas no mundo o torna melhor.

Acredito que a Água seja nosso planeta.

Acredito no homem.
Acredito em Deus.
Acredito no surf como maneira de viver.

Meditação/surf/sexo/trabalho/jiu-jítsu/família/amor/cultura/arte e saúde.

Conecte-se com isto.
Novas maneiras/novas conexões.

Conecte-se.

Romeu Andreatta Filho
Surfista/hedonista/editor/vendedor/promotor/interlocutor/
lutador/trabalhador/batalhador/sonhador/conector...

Novas conexões a partir do Atlântico

por Vitor Hugo de Souza

A prática do surf vem desde os tempos dos povos primitivos da Polinésia, se desenvolveu no Hawaii como o esporte dos reis e, posteriormente, alcançou escala mundial, tendo a Califórnia e a Austrália como principais referências. Em contrapartida, a cultura muda constantemente, e muitas vezes o passado é a fonte de inspiração para buscar algo novo ou reencontrar a essência das coisas. Com o surf não é diferente, a moda vintage sempre está em alta com os seus modelos retrôs e estilo de vida. O esporte engloba muito mais do que apenas a atividade física; envolve também comportamento, arte, ideologias, etc.

A busca pelas ondas perfeitas continua, e o espírito do verão sem fim também. No entanto, o século XXI tem sido tempos de novas conexões, que têm introduzido o surf em locais antes inimagináveis e conquistado novos adeptos, que se apaixonaram pelo estilo de vida na praia.

Essa tendência está presente principalmente no Atlântico, com comunidades ligadas fortemente a uma diversificada cultura desse esporte. Partindo desse pressuposto, é possível traçar um panorama das novas conexões, levando em conta a importância das raízes do surf em lugares tradicionais e as suas influências em novas comunidades.



Montauk, Nova York. Foto: Edward Reese

Cinco lugares de efervescência cultural de praia no Atlântico

Montauk, Nova York (EUA)

Montauk é um vilarejo da cidade de East Hampton, no estado americano de Nova York, e se localiza na península de South Fork, em Long Island. Tem uma forte comunidade ligada à atividade de pesca, e seu cartão-postal é um antigo farol de duzentos anos.

Também é uma alternativa para os surfistas nova-yorkinos fazerem os seus bate-voltas. Já os caiçaras, a maioria surfa por diversão, sem a preocupação de se tornar profissional. Destaque para os spots de Ditch Plains e Turtles, que oferecem as melhores ondas.

Com um estilo de vida simples, o cenário da cidade é bem rústico, com casas pequenas, cabanas de pescadores, culinária natural. No campo artístico, há influências de Nova York, e vale ressaltar o trabalho do fotógrafo local James Katsipis, que captura imagens de surf e também registra os traços femininos, no seu recente projeto chamado Mermaids of Montauk.



Mermaids of Montauk. Foto: James Katsipis.



Abaixo.: Mural da artista francesa Dominique Antony / Foto: www.peinturemurale.com

Acima: Imagem retirada do site www.enkosynthesys.com



Acima: wakeboard em Hossegor / Foto: <http://www.myfranceamoi.com>

Hossegor {França}

A cidade de Hossegor é considerada a meca do surf europeu. Localizada no sul da França, próximo da fronteira com a Espanha, o lugar possui ótimos beach breaks, que propiciam vários tubos, e abriga uma das etapas do circuito mundial.

Destaque para os spots La Gravière e La Nord. As condições do mar ficam boas principalmente nos meses de março, abril, setembro e outubro. Essa época é de crowd intenso. Hossegor também é conhecida por reunir o charme europeu com uma mistura de culturas, arquiteturas, culinárias e histórias.



Acima: Foto: Mike Piscitelli
Abaixo: Família Wilmot | Foto: Marion James



Região do Caribe

O mar do Caribe é um dos principais destinos turísticos do mundo, e não é por causa do surf, mas por suas inúmeras praias paradisíacas, belezas naturais, diversidade cultural e também pela variedade gastronômica baseada nos frutos do mar.

A região do Caribe é composta por 11 territórios e 13 países insulares, as Antilhas, como Bahamas, Cuba, Porto Rico, República Dominicana, etc. Um país caribenho muito simpático é a Jamaica, que tem uma intensa cultura de praia, enriquecida com os ritmos do ska e do reggae do icônico Bob Marley.

Alguns dos melhores picos jamaicanos são Makka, Boston Bay, Ranch, Long Bay, entre outros. Vale destacar o surfista e músico Billy Wilmot, um dos pioneiros do surf na região. Fundou a Associação Jamaicana de Surf, e sua família, que é de surfistas, vem promovendo o desenvolvimento do esporte no país.



Acima: Kelly Slater | Foto: Morgan Maassen
Abaixo: Delray Beach, Flórida | Foto: Jeff Herron

Flórida (EUA)

A Flórida é um dos principais estados americanos, com um grande potencial para o turismo. Importantes cidades em termos econômicos estão no território flóridense, como Miami e Orlando.

Apesar de não ter as melhores ondas do mundo, a Flórida é o lugar de origem do surfista profissional mais bem-sucedido de todos os tempos, nada mais do que Robert Kelly Slater – onze vezes campeão mundial.

Os picos mais famosos da região são Cocoa Beach – Homebreak de Slater – e Sebastian Inlet. Os swells, no entanto, são inconsistentes, prevalecendo o surf nos meses de novembro a março. Detalhe, a praia de New Smyrna tem o maior índice de ataque de tubarões por ano.





Copacabana, 2013. Foto: Maurício Lima

Brasil

O Brasil tem uma grande potencialidade cultural baseada no estilo de vida na praia, possui uma diversidade riquíssima, diferentes tribos caiçaras, vários tipos de mar e ecossistemas ao longo de sua costa litorânea, que tem aproximadamente 8.500 quilômetros de extensão do Chuí (Rio Grande do Sul) ao Oiapoque (Amapá).

Destaque para o litoral sul, com Santa Catarina, onde fica situada Florianópolis (o Hawaii brasileiro), na ilha de Santa Catarina. Litoral sudeste, com as praias do norte de São Paulo e as do Rio de Janeiro – berço cultural do surf no Brasil. Litoral nordeste, com Bahia, Pernambuco – Fernando de Noronha –, Rio Grande do Norte. Além da poderosa onda da pororoca, nos rios da região Amazônica.

No campo cultural, vale ressaltar o Festivalma, um dos maiores eventos de praia do mundo, que celebra esse estilo de vida desde 2004.



Uma nova era para o surf

por Dragão Andraus



Acima: Praia, RJ. Foto: Beto Paes Leme

O esporte surfe e o estilo de vida acoplado à prática tomou proporções planetárias. Estamos presenciando e vivendo momentos de transformação. Temos a chance de aproveitar nosso legado e buscar caminhos alternativos. Muita coisa acontece em paralelo. É escolher uma ou várias das opções... Desfrutar dos caminhos que se descortinam, abrindo, com mais vigor, as cortinas deste novo milênio.

As perspectivas são empolgantes

As raízes do surf na Polinésia se alastraram do oceano Pacífico para o resto do planeta. Hoje o esporte está na mídia global, é difícil passar um break comercial de uma grande emissora em que não apareça alguma referência, algum elemento do lifestyle do surf, ou dos boardsports. Os moguls da publicidade utilizam o apelo visual do surf ao seu bel-prazer, mas esse não é um caminho de uma só via, pois o esporte já está capitalizando e crescendo alavancado por verbas cada vez maiores.

A tecnologia também tomou conta de todos os aspectos, de equipamentos, pranchas, quilhas a wetsuits, boardshorts... A forma como consumimos a informação também chegou ao estado da arte. Temos detalhes da chegada da ondulação em dispositivos móveis, sabemos com uma

semana de antecedência se o surf vai estar bom em qualquer pico do mundo. Notícias chegam em cima da hora acessadas em seu computador pessoal. Um dos aspectos mais extraordinários é a transmissão de campeonatos assistidos em tempo real de qualquer ponto do planeta. Replays em câmera lenta são analisados por especialistas, minuciosamente, sob diversos ângulos.

A globalização tomou conta do surf, e o peso do Brasil nesse cenário é cada vez maior. Do Pacífico ao Atlântico, o pêndulo balança em um novo plano, que tende a formar uma espiral virtuosa na qual o estilo de vida ligado ao surf e à praia toma proporções que transcendem a fronteira das cidades praianas.

Um estilo de vida para gerações

Hoje os surfistas "emprestam" sua forma descontraída de encarar o mundo aos jovens de todas as regiões do planeta. A vida na praia, ao redor das ondas, respirando a natureza, o cheiro do mar, de aventura... Esse modo de ser contagiou os jovens de todo o mundo. A busca pelo prazer é intrínseca ao ato de surfar.

Essa aura especial, com sua estética particular, de vestimenta, sorriso no olhar, pele saudável e bronzada pelo sol, a

saúde que emana de horas e horas imerso nos nutrientes que só a água limpa dos oceanos pode proporcionar, objetivos claros na mente: alegria e hedonismo... Tudo isso capta a curiosidade, atenção e desejo de participar dessa festa. No fundo, todos querem ser surfistas, viver esse lifestyle especial.

A Califórnia e a Austrália foram os primeiros centros de surf que absorveram o espírito do Hawaii, que sempre será o berço de inspiração do surf. Cada região costeira do planeta tempera a prática do surf com seus próprios sabores. Os surfistas da Califórnia foram os responsáveis por dar forma a um estilo de vida, único, especial, que moldou o comportamento de uma tribo nômade, que sempre teve como moto de sua existência a busca por ondas perfeitas. O mundo (do surf) estava, livre, aberto, amplo, para ser desbravado, e essa jornada recheada de aventuras tinha um propósito: encontrar e surfar ondas perfeitas.

Com a população de surfistas aumentando nas regiões mais populosas, a busca se tornou mais e mais necessária. Do Hawaii, Peru, Califórnia, Austrália, os intrépidos viajantes e pioneiros tomaram o rumo da Europa, do Brasil, de toda a orla das Américas, da África e da Ásia. Cada região, com sua personalidade própria, crescendo e se estruturando nos dogmas da espinha dorsal da tribo.

Certas verdades do surf são imutáveis: não há nada que um bom dia de surf não cure; só um surfista conhece a sensação; está estressado... vai surfar; acordar em uma praia, em um radiante dia de sol, com o vento terral levantando o véu de magníficas ondas, virgens, esperando para serem beijadas...

A experiência sensorial do ato de deslizar sobre uma onda é o tesouro mais especial dos surfistas, mas, ao redor desse coração, artérias e vertentes de proporções infinitas começaram a ser buriladas pela mente das pessoas que desfrutavam dessa magia e souberam formatá-la para seu deleite e o de outros apreciadores. Do simples ato de entrar no mar com uma prancha, abre-se um universo de possibilidades. O universo moderno do surf.



Acima: Slater no webcast ASP em Santa Cruz. Foto: ASP / Kirstin

O surf e a tecnologia

Anos 2000, um novo milênio e uma nova era para o surf. Antes das revistas já existiam os filmes de surf, os primeiros foram produzidos ainda nos anos 1950. Evoluíram, de filmes para vídeos, para cliques curtos no YouTube e Vimeo, culminando com os impecáveis webcasts que ficam horas e horas no ar hoje em dia. As transmissões de eventos via internet, inventadas por surfistas brasileiros, ganham uma sofisticação impressionante e, por tabela, audiência. O webcast do Billabong Pro em Teahupoo, neste ano, bateu um recorde histórico, que tem grande chance de ser quebrado mais uma vez nesta temporada havaiana e de novo no ano que vem. Durante um bom tempo será exponencial esse crescimento. É certo que as ondas do Taiti em 2014 foram o ápice dos campeonatos e a vitória de Gabriel Medina com performances impressionantes, a semifinal histórica entre John John Florence e Slater, deixaram todos de queixo caído. Tudo isso vai gerar mais expectativa para um produto que matura, ganha prestígio, misturando tecnologia e competição.

O slogan "os melhores surfistas, nas melhores ondas" nunca foi tão apropriado. Eles dão espetáculo mesmo. Espetáculo não menor dão os responsáveis pelos webcasts. Essas transmissões têm hoje um padrão de qualidade técnica para usar como base de referência. O caminho é continuar evoluindo. Da mesma forma que a performance dos atletas. Gabriel Medina deixou a todos estarecidos nas ondas mais perfeitas da história dos campeonatos de surf. No Quiksilver Pro

da França também apareceram ondas incríveis, e John John deu outro show digno.

A "nova" ASP começou a temporada de 2014 e foi acertando o passo ao longo de cada etapa. A partir de 2015, a entidade que gere agora não só o surf masculino e feminino, mas também o BWWT (Big Wave World Tour - Circuito Mundial de Ondas Grandes), o Pro Junior, o Longboard, muda seu nome para WSL (World Surf League - Liga Mundial de Surf). Uma mudança que parece apropriada ao ritmo deste novo milênio, e, pelo profissionalismo da equipe envolvida, podemos esperar tempos brilhantes, e que as verbas exógenas ao surf, que começam a voltar com mais força, impulsionem o esporte para um "quantum leap" - salto de qualidade considerável.

A WSL está com a faca e o queijo na mão para transportar o surf competitivo ao seu novo estágio, principalmente

o de uma premiação equivalente à de esportes como golfe, tênis e F1, que foram tomados como base para montar um circuito quando a IPS, predecessora da ASP, configurou a profissionalização do surf. O salto definitivo, que ainda não foi dado, virá com a construção de surf stadiums e a viabilização econômica de fundos artificiais, através da iniciativa privada e de governos locais das regiões costeiras. Isso está mais próximo de acontecer do que imaginamos, e mudará o surf de forma contundente. Nossa geração verá isso acontecer.

Os dois lados de uma valiosa moeda

Os surfistas ganharam sua representatividade dentro da sociedade de forma paulatina e inquestionável. Podemos pensar em duas frentes que se unem formando a alma do surf. Os surfistas livres, que buscam o puro prazer de simplesmente surfar uma onda, e o esporte profissional e estruturado, que nunca parou de crescer e se organizar. Os dois caminhos levam ao prazer da conquista simplesmente pessoal, ou pública e notória. A recompensa é grande em ambos os casos. O valor do esporte, do estilo de vida, da forma de expressão corporal artística, da prática em si, é intrínseca e pode ser aquilatada por uma constatação instantânea: surfar e sentir.

A forma como a pílula foi sendo dourada é o xis da questão, primeiro pelos próprios surfistas, através de seus filmes e revistas especializadas, e posteriormente por eventos cada vez mais criativos e abrangentes, buscando gerar público. Campeonatos que se transformaram em festivais. Festivais que "encaixotaram" os

Abaixo: Moche Rip Curl Pro Portugal. Foto: ASP / Damien Poullenet / Aquashot



aspectos da cultura surf em mostras de arte, filmes, fotografias, apresentações, instalações. Feiras que vendem o estilo de vida de forma icônica. E lojas que proporcionam o ambiente mágico da praia em um chão duro cercado de paredes decoradas com imagens que remetem o imaginário dos consumidores ao lifestyle dos sonhos. Mergulhar nesse ambiente é uma experiência em si.

As pranchas de surf foram a mola mestra que deu origem ao mercado. Os surfistas precisavam de pranchas para surfar. As roupas eram improvisadas. A necessidade deu origem ao mercado de surfwear, que tomou uma proporção inusitada, grandiosa. Esse mercado de confecção extrapolou as fronteiras do surf e caiu na graça da população em geral. Cifras milionárias passaram a impulsionar então todas as engrenagens do esporte. Surfistas sendo pagos para viver o sonho e servir de modelos. Em paralelo, todos os acessórios do surf foram sendo inventados e reinventados, ganhando qualidade prática e excelência de fabricação. Acompanhar a evolução de parafinas, cordinhas, racks, quilhas... é quase tão empolgante quanto analisar a evolução das pranchas.

Uma faceta do surf que também apresenta um choque de contraste na forma como é abordada e consumida ao longo desses anos são as surf trips – antes planejadas individualmente, ou por um grupo de amigos, montadas de forma secreta e exclusiva. Hoje são oferecidos pacotes em resorts estelares, ou em barcos de luxo, com mordomias incríveis e ondas que não irão falhar nem faltar em



Abaixo: Leblon, RJ. Foto: Beto Paes Leme

sua perfeição. Muito diferente do esquema feral dos intrépidos surfistas dos anos 1970.

O turismo de surf se transformou em um produto especial. É um sinal dos tempos. Mas isso não quer dizer que ainda não possamos chegar na praia X, no dia Y, e surfar apenas com os nossos amigos.

Informação (de qualidade) é tudo

A essência do surf é perene. O momento em que subimos na prancha e deslizamos naquela onda único, é “o” momento. O que fazemos entre os momentos em que estamos em uma onda, surfando, preenche 90% de nossa vida, e quando estamos fora do mar a tecnologia nos envolve. A informação antes contida nas revistas, e distribuída bimestralmente aos aficionados, hoje chove, abundante, em um fogo cruzado proporcionado pela internet, na velocidade em que respiramos. É só escolher a fonte. Sabemos (quase) tudo – TUDO. No instante em que acontece. No nosso bolso, na palma

da nossa mão.

Mais surpreendente do que a evolução do conteúdo do surf e sua distribuição foi o passo que tomou a fabricação das pranchas, o artefato primordial do surf. Não só os equipamentos que os atletas de ponta, participantes do circuito mundial, usam, mas também o surfista comum. Hoje a variedade de opções de pranchas é incrível, e pode ser aquilatada em uma boa surf shop. Entre para escolher, fique zozno.

Falando em pranchas de alta performance, temos que analisar dois aspectos. Os designs atuais permitem que os surfistas saiam de tubos cada vez mais impossíveis, com pranchas menores, encaixadas, refinadas e aliadas ao “atletismo” dos líderes do esporte, que descem em pontos cada vez mais críticos das ondas e conseguem andar dentro e voar acima delas, como se surfista e prancha fossem uma coisa única. A segunda evolução está se dando no ataque às ondas gigantes. Pranchas (também) pequenas e mais pesadas derrubaram conceitos antigos, e não é difícil perceber que o design desses artefatos, e até dos artifícios motorizados que ajudam os surfistas a quebrar barreiras... está muito longe de se manter estagnado. Guns redesenhadas. Longboards peso-pluma. Pranchas motorizadas.

O SUP, uma das práticas originais dos havaianos e peruanos, com seus Cabalitos de Totorá, hoje também toma proporções radicais. Os atletas do Stand-Up World Tour fazem coisas incríveis com pranchas SUP de alta performance, mas é o impacto que essa prática está causando das praias



Abaixo: Medina, 2014 Billabong Pro Tahiti. Foto: ASP / Will H-S

Abaixo: Alana Blanchard. Foto: Surfer Girl



para o interior dos continentes, rios e lagos que provoca mais um passo nessa evolução globalizada do surf. O SUP talvez se transforme no mais universal dos esportes com prancha; o processo se desenrola ante nossos olhos. Os boardsports, em um espaço de pouco mais de cinquenta anos, passaram de marginais a mainstream, e tudo isto está acontecendo ao mesmo tempo agora.

Uma das primeiras coisas que os surfistas costumam fazer logo cedo (para quem mora de frente para o mar, às vezes até antes de lavar o rosto) é ver como está o mar. Todo o resto do seu dia vai gravitar ao redor disso. Hoje em dia, mesmo os surfistas que estão um pouco mais longe da praia podem ter esse prazer. A internet é o instrumento mais alucinante do mundo moderno, que viciou a todos e aos surfistas em grande escala. Saber como está o mar é apenas um dos aspectos de sua utilidade. Temos câmeras em diversas praias do planeta e os sistemas de previsão de onda atingiram um grau de precisão admirável. Ficou tudo muito fácil.

Vislumbrando um futuro magnífico

Portas, porteiros, portões, pórticos e portais na web cada vez mais ousados, criativos, estão desabrochando e apresentando de forma interativa tudo que acontece com esse mundo dos esportes radicais. Uma infinidade de formatos de eventos pode ser concebida, atraindo verbas muito mais polpudas, que vão além da capacidade das originais marcas de surfwear. As empresas que nasceram do mercado de

surf continuarão legitimando o esporte e sustentando o seu core; os surfistas, financiando vídeos, viagens, passando em suas estratégias de marketing o conceito do lifestyle. Verbas de grandes empresas sempre flertaram com o universo do surf trazendo investimentos esporádicos. É possível perceber que há uma tendência crescente desses maiores recursos, exógenos ao nosso mercado, serem alocados para o surf e outros boardsports, esportes considerados radicais. Eventos especiais, que apresentam a “cultura surf” ao mainstream de forma inteligente, também acabam viabilizados por essas marcas “universais”.

Os desafios sempre serão maiores. Buscar e surfar as maiores ondas. O circuito mundial de ondas grandes dará saltos de prestígio e performance nos próximos anos, isso é inevitável. As meninas também estão levando seu nível de performance a um patamar inusitado. Lindas, jovens, arrepiam. Todas as categorias do surf contemporâneo

estão atingindo superação com talentos que agora brotam de diversos pontos do planeta. Os surfistas brasileiros que sempre foram competitivos atingem agora um grau de amadurecimento ímpar. A performance arrasadora de Gabriel Medina nesta temporada de 2014 é a ponta de um iceberg que acaba de se descolar e ganhar o mundo a partir do Atlântico. Nossos jovens atletas dominam os qualifyings.

O mundo do surf, antes dominado por um triângulo no oceano Pacífico, com vértices no Hawaii, Califórnia e Austrália, é obrigado a se curvar a essa globalização dos oceanos, interligados e cheios de ondas. O surf sempre surpreendeu por gerar atitudes de vanguarda e continuará sendo assim: um olho no lastro e legado do passado, de uma herança inigualável; outro olho no futuro, com criatividade para abordar as ondas e criar novos produtos ligado à cultura do surf, dos boardsports, que sempre terá um frescor característico dessa tribo. O Brasil e a Europa têm muito a acrescentar em termos de conteúdo. Neste ano se solidifica uma Tríplice Coroa Portuguesa, o Cascais Trophy. A França apresentou ondas espetaculares, mais uma vez. O Brasil está atraindo sobremaneira a atenção do mundo esportivo. É capitalizar este momento e buscar a evolução natural com as características marcantes e especiais de nosso povo. Nossos surfistas.

Podemos ficar imaginando onde tudo isso vai desembocar, mas, por mais previsível que possa parecer, tenho certeza de que teremos belas surpresas ao continuar trilhando esse caminho.



Acima: Danilo Couto. Jaws. Foto: Rick Leeks

surf team

adriano de souza

"living the dream

trestles-california"



HQ

Parte #2

Novas Fronteiras

por André Poli

Sob o signo do novo *millennium*, o jogo mudou. Mas essa mudança já vinha sendo construída *a long time ago!*

Cinco décadas atrás, o surfista era visto à distância pela sociedade, como um jovem rebelde e escuso com o cabelo parafinado e iconograficamente maconheiro. De perto, era isso mesmo. E muito mais... Era a libertação dos padrões vigentes, de uma geração prestes a explodir em direção ao novo. Isso aconteceu na música, na medicina, nos estudos, na tecnologia... Enfim, a vida mudou, e esse jovem bonito, atlético e que experimentava (sim) o universo das drogas, teve um papel fundamental dentro da nova cultura.

O aspiracional que levou milhares de jovens a se aventurarem dentro dos limites do mar constituía a própria inovação, a experiência, a contestação, a aceitação da vida através da natureza e um princípio intrínseco de *ohana*, que permeia todo contato extremo com a mãe natureza. Sim, existia o lado negro das drogas, da liberdade, da contracultura, do medo do "Show da Vida" e de se tornar aquele homem de plástico num fim de domingo qualquer. Havia o medo de se transformar em seus pais, vendo a vida passar na telinha do *Fantástico!* Aquele jovem não queria ver *Fantástico*, ele queria ser *Fantástico!* E era!

Enquanto a ditadura se instalava no país, esse jovem se jogava no mundo. Via uma conexão chamada oceano. Não por acaso, o termo "surfando na net" de hoje... Esse jovem absorveu as influências de uma cultura onde um albino, homossexual, de família católica fervorosa abalava as estruturas promovendo arte para todos! Era a Pop Art, que profetizava nossa era de Big Brothers e celebridades de 15 minutos! Andy Warhol era, junto com Timothy Leary, Lou Reed, Bob Dylan, entre muitos outros, o ruído nas esferas da grande engrenagem que se formava, e que levou os jovens desse momento a explorar o planeta, a conhecer a costa da Austrália, a viver os mais loucos sonhos eróticos com deusas europeias nas paradisíacas ondas de Bali... Putaquepariu! Quem não queria ser assim?

Você viu *Comer, rezar, amar?* Tudo isso estava lá. Você só tinha que ir, se deixar levar, viver... E muitos foram. Aí fodeu geral... Veio a New Wave, o Punk, o Surf Punk, e o mundo seria moderno mesmo. Mas alguém cagou com isso! Com a massificação, o resultado está aí, nesse show de horror que vemos nas mídias – radio, tevê, revistas... E o marketing pessoal no auge do babaquismo das redes sociais... Naquele momento ou você era surfista ou não conseguia nem transar. Ninguém te queria. Ou você era surfista ou era playboy. E isso estava definido. Ponto!



Mas, então, o que pode ter dado errado!?

Hoje o surfista não é mais visto de fora pela sociedade. Ele é a sociedade no seu mais alto desempenho. Aquele jovem que estampou com serigrafia na sua camiseta toda a paixão que vivenciava no lifestyle do surf formou um dos mercados mais fortes na virada do século! Os jovens de ontem viraram senhores, e, hoje, ditam os caminhos da sociedade. O que era aspiracional passou a ser algo comum, comandado por pessoas de fora dessa família, por executivos que tomaram conta da paixão e, com ela, fizeram milhões de dólares pelo mundo.

Esse negócio, ou seja, o surf como mero negócio, porém, está falindo. E é aí que entram as 'novas fronteiras'... E a sua dissolução! Sejam elas conceituais, territoriais... O eixo Europa acontece! A influência da cultura acessível de Warhol também acontece via web. E o mundo, mais uma vez, muda. A arte invade a vida, e o design passa a ser a grande moeda de troca da atualidade. Na busca pela beleza, por uma maior representação social, a estética ganha outros patamares. Ela vem carregada de conceitos, de inteligência... Sim, estou falando de uma saída! Uma saída para o marasmo.

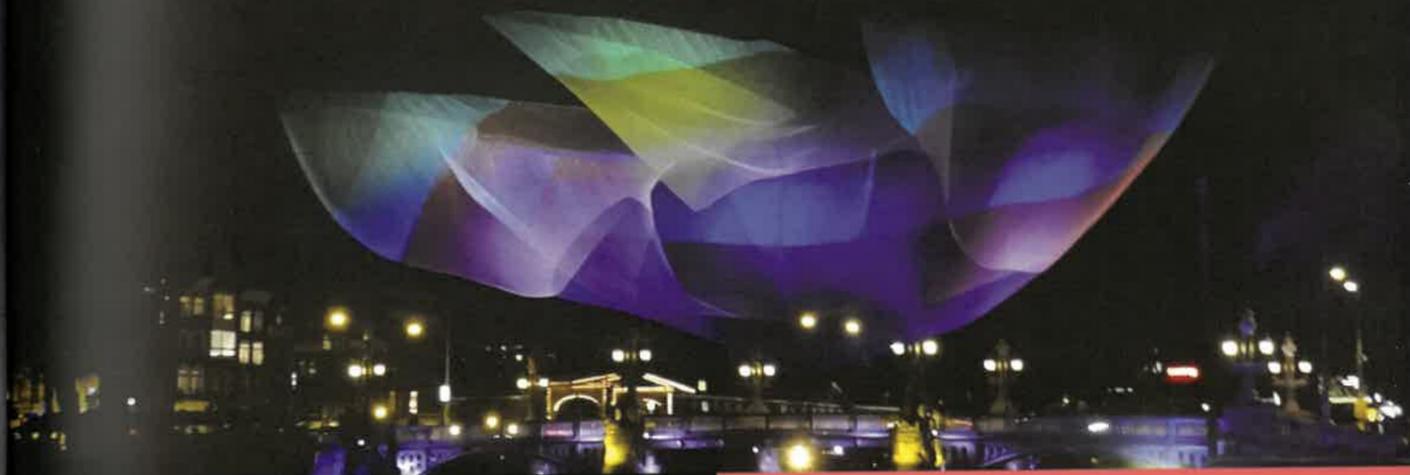
Esse é o panorama que começa a se desenhar. Como ocorreu há cinquenta anos atrás, a arte, a fotografia, o design e a música saíram de um devaneio de pura contemplação – como aqueles de um surfista que fumava maconha na praia e, alegremente, figurativava seu mundo – para uma realidade de profissionais altamente gabaritados que têm na cultura de praia e no surf seu mais alto recurso inspiracional!

Nas próximas páginas, você terá um micro-olhar sobre esse universo, que está aí e vai invadir sua praia... Só que sem farofinha nem galinha!



JANET ECHELMAN

por Amer Moussa



Pairando sobre avenidas e praças de cidades como Vancouver, Porto e Amsterdan, as esculturas de Janet Echelman lembram gigantes e delicadas águas-vivas. Através da combinação de materiais improváveis, como redes de pesca e partículas de vapor atomizado, a artista cruza o artesanato com a tecnologia de ponta na criação de obras permanentes, que dialogam com a escala dos edifícios.

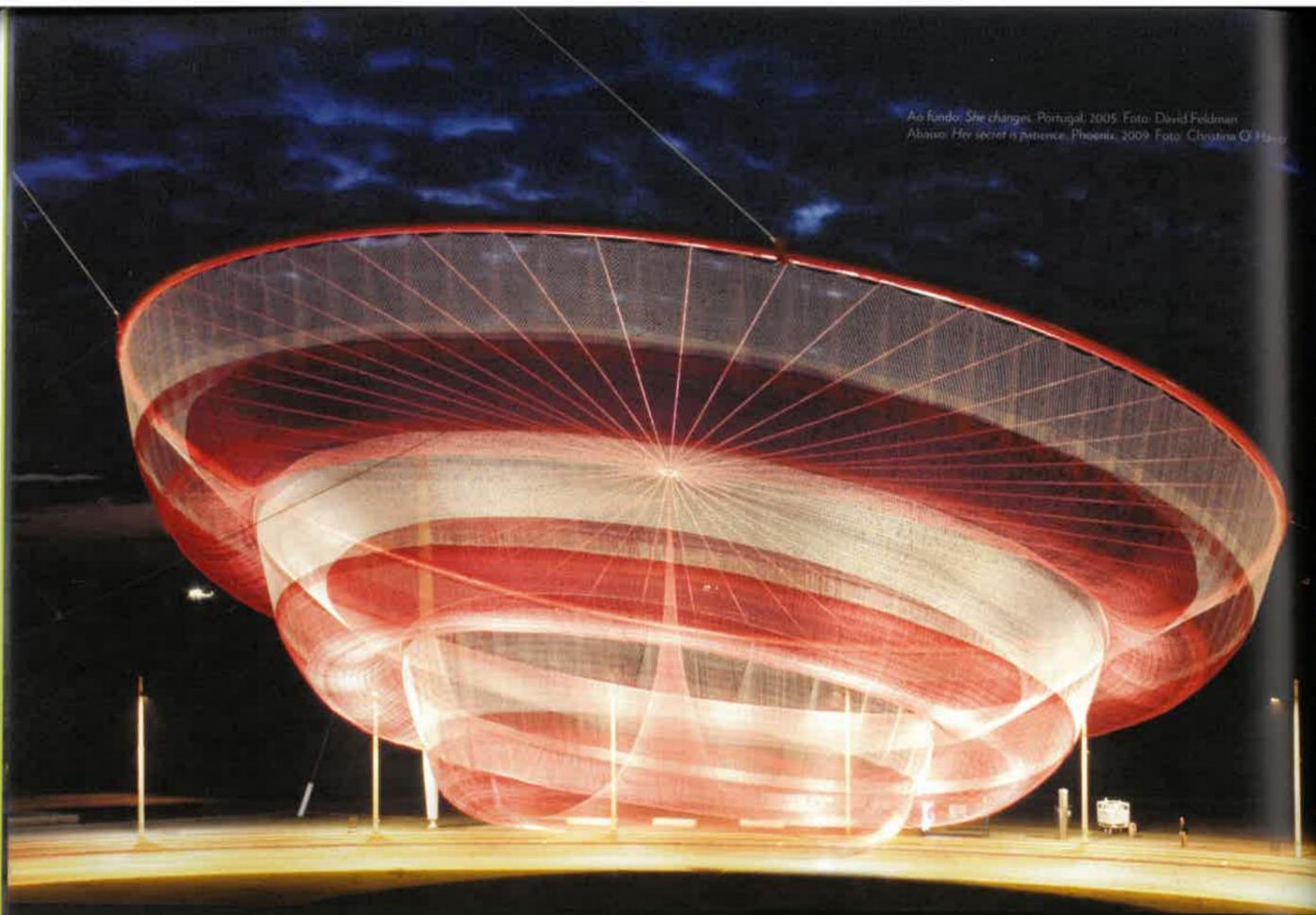
Mais do que objetos estáticos, trata-se de vibrantes ambientes escultóricos, os quais, além de interagirem com as forças da natureza – como o vento, a luz e as intempéries –, tornam-se prontamente pontos focais da vida cívica.

Americana com formação universitária, Echelman realizou, durante as décadas de 1980 e 90, inúmeras viagens a países asiáticos. O intuito era estudar a caligrafia chinesa, além de experimentar métodos têxteis tradicionais e pintura contemporânea.

Mais do que
objetos estáticos,
trata-se de
vibrantes
ambientes
escultóricos.



Ao fundo: *She changes*, Portugal, 2005. Foto: David Feldman
Abaixo: *Her secret is patience*, Phoenix, 2009. Foto: Christina Q. Meyer



Nos deslocamentos realizados, a artista deparou-se com dificuldades no transporte dos materiais e instrumentos de trabalho – como as telas, os pincéis e as tintas. Certa vez, na Índia, aguardando suas pinturas que nunca chegavam, resolveu produzir com os objetos locais da vila de pescadores onde havia se instalado.

Ao final de um ano, Echelman havia criado, em colaboração com os pescadores, uma série de esculturas com redes. Após suspendê-las em postes, ela descobriu que as finas superfícies trançadas moviam-se ao sabor das ondulações do vento.

“Quero que as pessoas se sintam protegidas, e ainda conectadas, a céu aberto.”



Atualmente, suas obras habitam centros metropolitanos de intensa circulação. O mais recente trabalho, *Skies painted with unnumbered sparks* (“Céu pintado com inúmeras faíscas”), está instalado na cidade de Vancouver. Trata-se de uma monstruosa e leve construção, atirantada nos próprios prédios ao redor. Um aplicativo para celular, desenvolvido em colaboração com o Laboratório Criativo da Google, permite que os visitantes produzam uma “coreografia luminosa” na escultura, em *real time*.

“Quero que as pessoas se sintam protegidas, e ainda conectadas a céu aberto”, diz Echelman. “Espero que os visitantes sintam-se mais conectados com aqueles ao seu redor – de vizinhos a estranhos.” O sucesso que as esculturas têm alcançado indica que seu objetivo pode estar mais próximo da terra do que se imagina.



JORAN BRIAND

O design a partir do mar

por Marcella Aquila

Acima: *Mola quiver*. 2014. Foto: Claire Payen



Log table. 2013. Fotos: Samuel Lehuédé

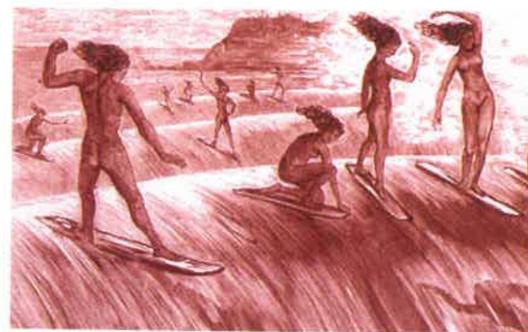
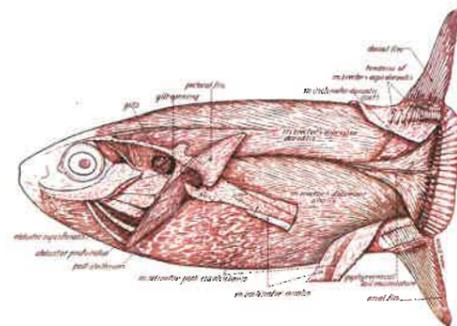
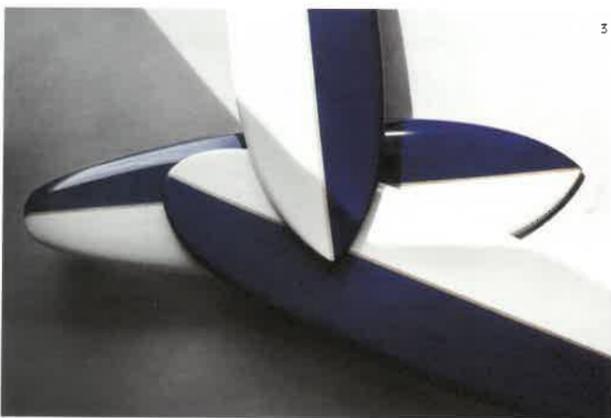
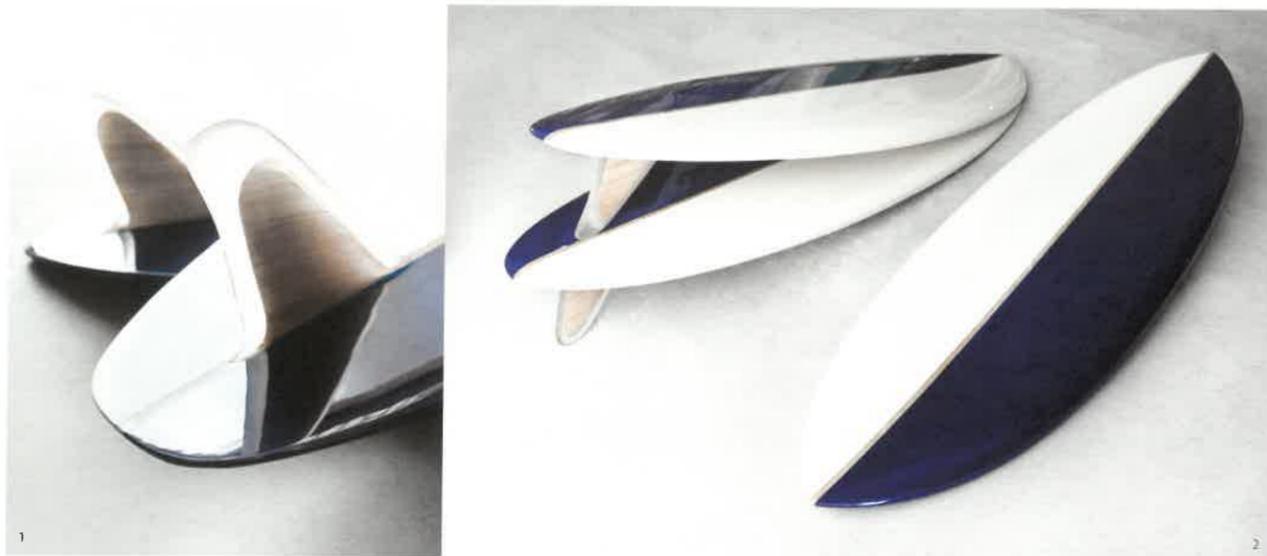
“Se você é um surfista sério, deve desenhar a vida que o cerca.” – M. Doyle

A frase de Mike Doyle não apenas estampa a primeira página do site, como também é o lema do estúdio francês Trust in Design, que tem à sua frente o designer Joran Briand. Não foi à toa a máxima escolhida: nascido na região da Bretanha, uma das maiores regiões costeiras da França, pode-se dizer que Briand viveu, desde cedo, cercado pelo mar. “Quando eu era criança, passava todos os meus fins de semana e feriados na ilha de Arz, em Quiberon ou Carnac. A ilha de Arz era um lugar de liberdade onde podíamos pescar e construir novos sistemas e varas de pesca. Carnac e Quiberon tinham um sentido diferente para mim, mais urbanas, eram lugares onde eu conheci meus companheiros de surf e skate [...] O propósito de cada novo dia era dar um rolê em algum pico novo, incomum, ou surfar ondas maiores, na costa selvagem”, diz Jorand em recente entrevista ao portal da Missoni*.

Segundo o guia *Lonely Planet*, “a Bretanha é para exploradores”, pois “sua costa selvagem e dramática, suas cidades medievais e densas florestas [...] fazem com que Paris pareça muito distante”. Contudo, apesar da distância entre mundos, à primeira vista,

tão díspares, Briand parece ter conseguido operar uma síntese e se manter um explorador mesmo dentro de um panorama tão “civilizado” como o do design. Formado pela Olivier de Serres e pela École Nationale des Arts Décoratifs de Paris, Joran Briand procura manter sua cabeça sempre orientada a oeste, na direção de suas raízes, de sua terra natal e, logo, na direção do mar: “Eu sou designer e, apesar de trabalhar em Paris, é na Bretanha que eu realmente crio. Estou sempre lá nos meus pensamentos, e sempre que tenho a chance, corro pra lá para uma sessão de surf”, conta.

Um exemplo dessa orientação, e da meta de fazer convergir o universo do surf com o da criação, é o livro *West is the best*, um de seus mais recentes projetos. Publicado em julho de 2014, o livro é um relato/manifesto de sua vivência com artistas e criadores da costa oeste americana, mais precisamente da Califórnia. Para Joran, essa experiência tratou de colocar à prova sua teoria de que o “o antídoto para a sufocante vida urbana” e para “questionamentos de ordem existencial, política e econômica” pudessem ser encontrados na relação criativa com o mar, e, nesse



sentido, nenhum lugar melhor do que a Califórnia, “epicentro da cultura surf moderna e lugar que acolheu os pioneiros do surf da Polinésia e os conduziu ao mundo”.

Essa tônica estrutural, da busca por relações que estão para além da superfície pauta também os projetos desenvolvidos em seu estúdio. Compreendendo o design de um modo mais abrangente, ou seja, não restrito à escala do objeto, o Trust in Design atua no campo do design gráfico e se desdobra na dimensão espacial. Desde sua fundação, em 2005, já estabeleceu inúmeras parcerias com escritórios de arquitetura, como com o do arquiteto Rudy Ricciotti, no projeto da rede de concreto para o MuCEM – Museu das Civilizações da Europa e do Mediterrâneo – e para o Estádio Jean Bouin, de 2008, e também com o escritório de Norman Foster, com a linha de mobiliário apresentada como parte do projeto para o novo Ministério da Defesa da França. Mais a fundo ainda, na direção do desenvolvimento e emprego de novas matérias-primas e técnicas construtivas, encontramos o projeto

do banquinho Tool (2012), feito a partir de fibra de juta e resina – um ecoproduto de excelentes qualidades em substituição à fibra de vidro – e que, em 2013, se desdobrou na prancha Mehir, construída do mesmo material e bordada à mão na trama de juta – ambos para o governo de Bangladesh. Mas é no projeto da surfer shop Cuisse de Grenouille (2013) que podemos ver o desenho se desenrolar em todas as suas formas de expressão. Da identidade da marca ao projeto de interiores, foi desenvolvido para a loja o banquinho Olo, uma estampa de camiseta exclusiva para a coleção da marca, baseada na icônica gravura japonesa *A onda*, de Hokusai, até, mais recentemente, a prancha Mola.

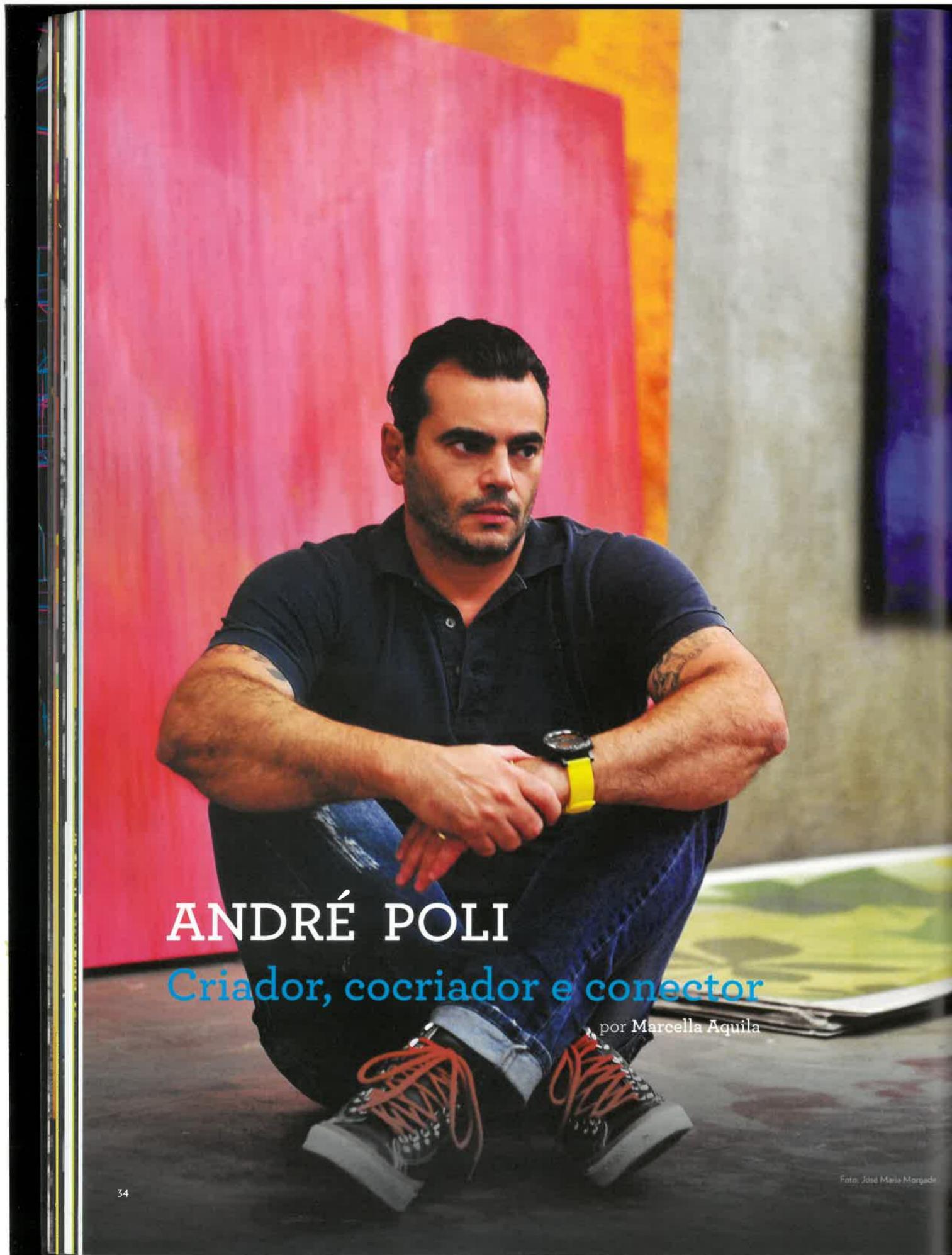
Em qual direção irão soprar os próximos projetos de Joran Briand ainda não sabemos. O que podemos dizer é que, provavelmente, muita novidade ainda virá desses ventos do leste.

*Fonte: www.missoni.com/xpto

An lido:
1, 2, 3. Mola quiver, 2014. Foto: Claire Payon
4, 5. Olo stool, 2013. Foto: Samuel Lehuédé

“Eu sou designer e, apesar de trabalhar em Paris, é na Bretanha que eu realmente crio. Estou sempre lá nos meus pensamentos, e sempre que tenho a chance, corro pra lá para uma sessão de surf.”

– J. Briand



ANDRÉ POLI

Criador, cocriador e conector

por Marcella Aquila

Foto: José Maria Morgado



Ao fundo: *Cochinitillo pirotecnia e cinta*, Madri, 2003. André Poli
Abaixo: *Arte*, El Bodegón, Madri, 2003. André Poli

Artista Plástico, nascido em 1966, André iniciou sua trajetória primeiro nas ondas do Guarujá e, depois, nas artes visuais através da pintura. O interesse em arte, porém, teve start ao mesmo tempo e na relação com o surf. Foi em 1976, aos 10 anos de idade, quando visitou pela primeira vez a oficina de pranchas do Patro, que a possibilidade de unir dois de seus maiores interesses (esporte e arte) se apresentou. “Era um universo absolutamente à parte, novo, que misturava arte, design, esporte e contracultura, em um barracão na Avenida do Canal, no Guarujá... Os caras faziam aqueles foguetes que eram as pranchas”. Essa experiência lhe rendeu não apenas sua primeira prancha como também a mania de pintar pranchas para os amigos: “Virou uma brincadeira, e acabei pintando pranchas para a Kaluama (Brasil), Dennis Pang (Havaí)...”. Oficialmente, no campo das artes plásticas, o reconhecimento veio 10 anos depois, quando ganhou seu primeiro prêmio pela tela “Paz bandida”, em um concurso do Ministério da Cultura.

As premiações se tornaram constantes e uma maneira de se manter investigando e trabalhando sob uma linguagem de seu interesse. “Depois do meu primeiro prêmio, eu acreditei mesmo que era pintor e abandonei tudo para pintar. Mas logo esse sistema de premiações se mostrou insuficiente para mim. Era um mecanismo que apenas seguia as tendências de mercado”, diz André. É nesse momento que uma série de viagens começa, procurando, sempre que possível, casar os destinos de surf com conexões em grandes cidades onde poderia seguir os seus estudos, de modo independente, nos acervos de grandes museus. Foram viagens ao Hawaii, Nova York, Bali, Berlim, México, Madri, Amsterdam, Caribe... Esse antagonismo entre mundos tão distantes e, aparentemente, contraditórios, como o rudimentar ambiente do surf e a sofisticação das chamadas



“A pintura é o epicentro do meu trabalho. A partir dela todo um universo se desdobra.”



fine arts, foi o tempero que resultou em um perfil tão diferente em ambos os segmentos. A radicalidade e a ligação com a natureza estão presentes na pintura de André, assim como a preocupação com o conceito e a reflexão são características da arte que ele traz para o universo do surf.

Depois de um bom tempo fluindo pelo mundo, em 2001 estabelece suas bases em Madri. Um ano depois vai morar na Fundação J. Llorens Artigas, onde trabalha como artista residente. É em Madri que suas investigações pictóricas o levam também a experimentar as linguagens da gravura e da fotografia e, na Fundação Artigas, a tridimensionalidade entra em cena por meio da escultura. Participante em mostras coletivas e individuais, no Brasil e no mundo, foi durante uma de suas exposições de fotografias, na Galeria Maria Baró, em 2003, que conheceu sua mulher, Roberta Queiroz.

De volta ao Brasil, em parceria com Roberta, funda em 2004 a Velvet Design. À frente da empresa, os conceitos até então desenvolvidos em seu trabalho artístico se desdobram em novos campos e escalas: do design gráfico e produção editorial a projetos de mobiliário, interiores e arquitetura. Hoje, em sua vertente mais experimental, André se apropria dessa experiência espacial e desenvolve obras de instalação multimídia e intervenções urbanas. Já seu lado mais pragmático se aproveita da profusão de ideias que saltam de sua veia criativa para realizar projetos de mobiliário e arquitetura.



Topo: *Paisagens recicladas*. Ubatuba, 2007. André Poli
Acima: *Nº 11*. Óleo sobre tela, 2014. André Poli
Ao lado: *Nº 29*. Óleo sobre tela, 2014. André Poli

“O surf me
ensinou os swells
da vida.”

TODAY IS PERFECT

Houve um tempo em que chegar nos melhores points
era quase impossível e ficar mais tempo na água,
um sonho! Hoje é diferente.



Faça o seu dia perfeito!




O'NEILL

www.oneillshop.com.br

www.pajero4oneill.com.br



FRED POMPERMAYER

O surf sob outras perspectivas

por Romeu Andreatta



Fotos: Fred Pompermayer

Fred Pompermayer sem dúvida representa como ninguém a nova conexão da fotografia de surf. Um experimentalista nas lentes e na vida, Fred protagonizou com a Almasurf a capa mais controversa e polêmica da história da revista. Um experimento de elementos, ângulos e fusões, um ensaio que, entre água, flores e ondas, construiu imagens únicas e antológicas.

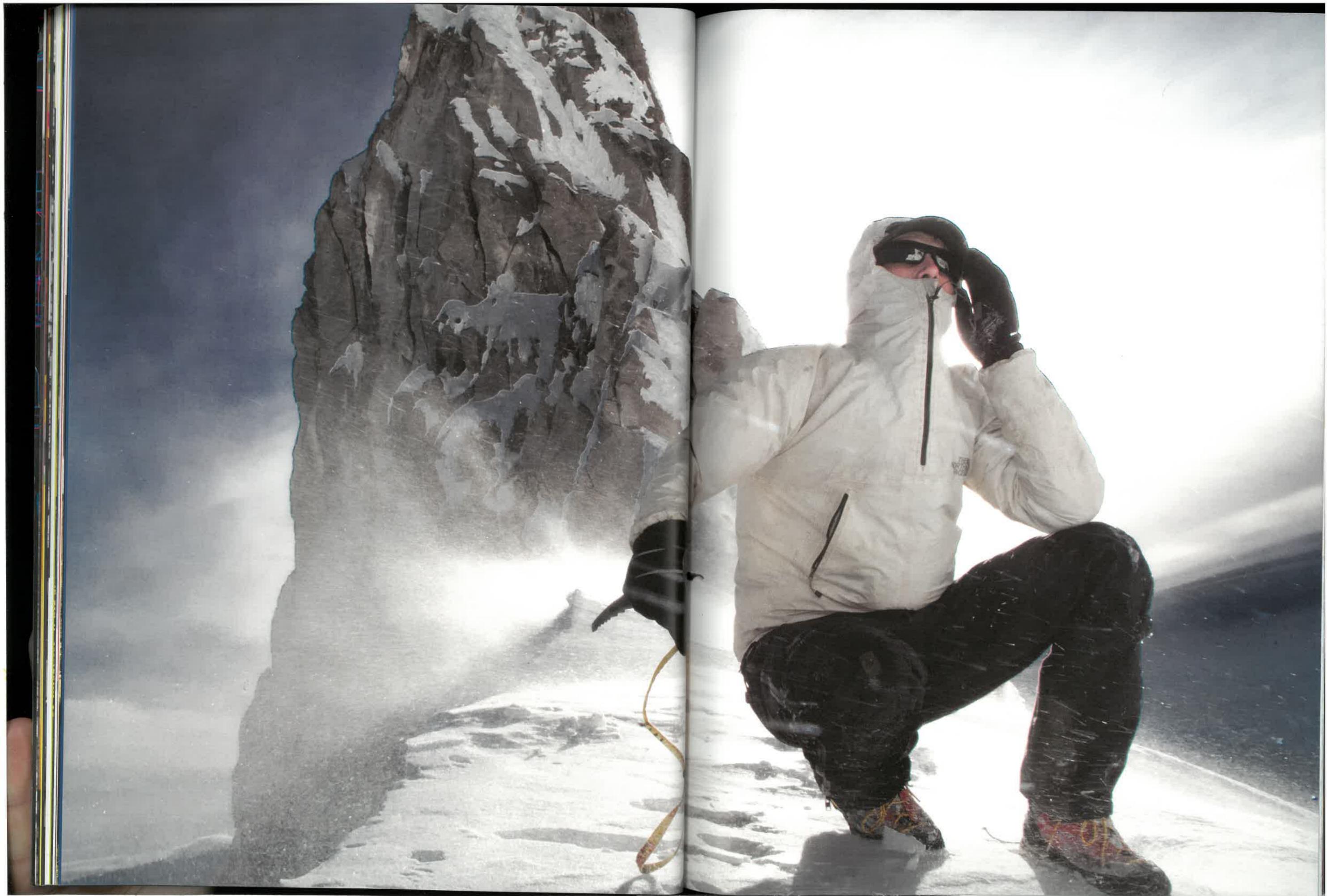
Não pelas imagens somente, mas muito mais pela busca e inquietação frente ao mesmo, Fred com certeza ganhou minha admiração e respeito como o cara que, como eu, não mais se satisfaz com os mesmos ângulos, cenários e conceitos de outrora, mostrando capacidade de inspiração e paixão...

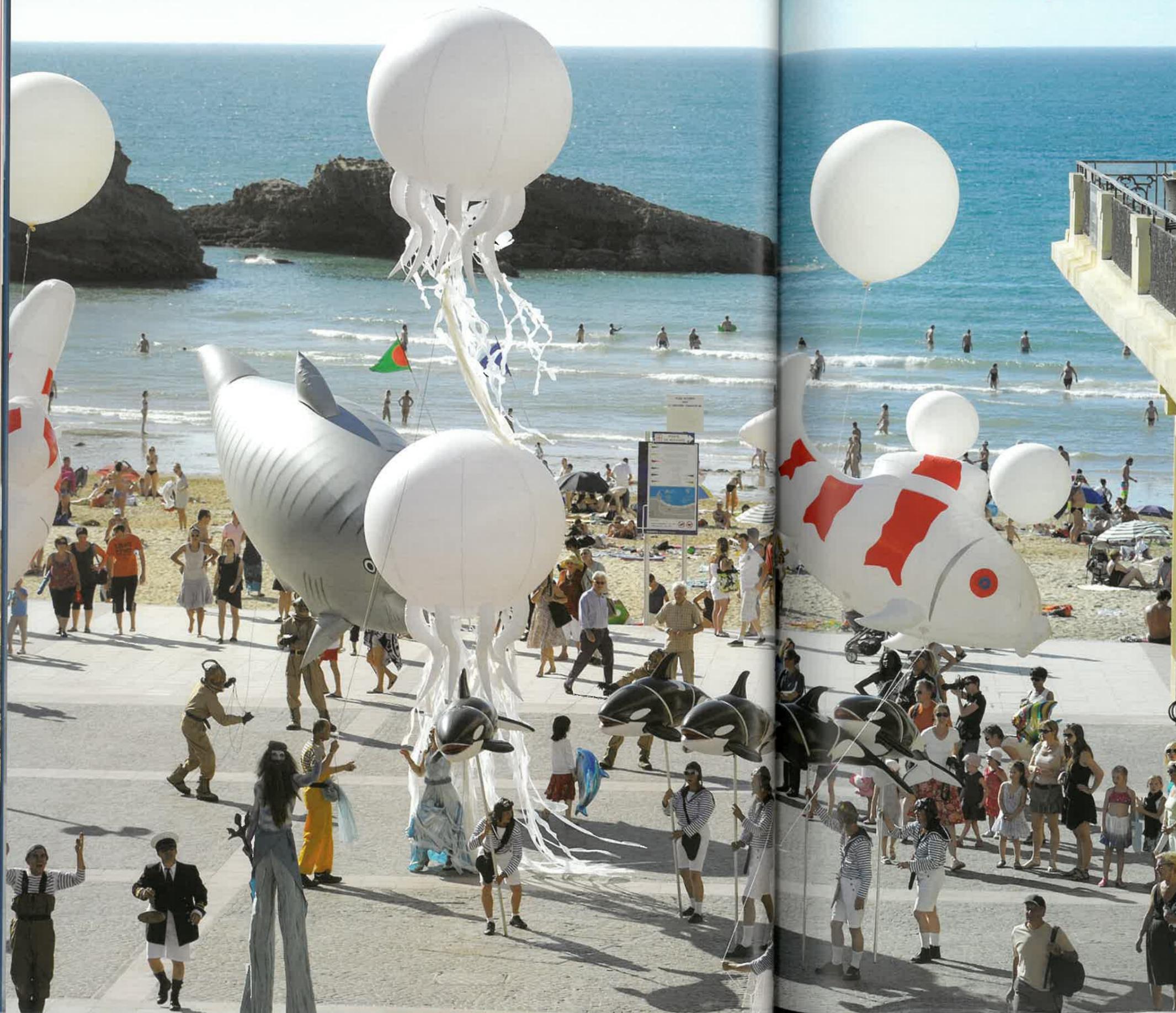
Especialista em captar as maiores e mais temidas ondas do planeta, ele sempre transforma drama em romance quando edita as sessões que hipnotizam o mundo todo. Com beleza, sensibilidade e luz, ele faz parecer encantador estar dentro do lugar mais sinistro do mundo, como são Jaws e outros picos de ondas monstruosas... Ele faz isso não somente com sua fotografia, faz também com sua vida.

Montanhista, hedonista e, claro, surfista, ele vem ganhando todos os prêmios que existem e caindo no caminho de criar e perseguir o que ainda não existe.

Fred nos leva com sua lente para novas conexões... Confiram.







CITÉ DE L'OCÉAN ET DU SURF

por Amer Moussa

Situado na costa atlântica francesa, quase na fronteira com a Espanha, o balneário de Biarritz contrasta o espírito detalhista da arquitetura da Belle Époque com a cultura desinibida do surf contemporâneo.

Antiga vila de pescadores, foi descoberta por Victor Hugo no século XIX. Outro que logo teria se encantado com as belezas das falésias locais foi Napoleão III, que durante o Segundo Império passou a frequentar a cidade como local de veraneio.

Refúgio da realeza europeia, que vinha atrás das propriedades curativas do sol e do mar cintilante, Biarritz abriga um repertório eclético de resorts, hotéis, museus, cassinos e igrejas. É no contexto desse passeio diversificado que se insere o Cité de l'Océan et du Surf (Cidade do Oceano e do Surf).

Fotos: Arquivo Cité de l'Océan et du Surf

A Cidade do Oceano e do Surf tem como meta sensibilizar os visitantes para as questões oceânicas, bem como explorar os aspectos educacionais e científicos do surf e do mar, dentro de um programa de lazer, ciência e ecologia. Projetado pelo arquiteto nova-yorkino Steven Holl, em parceria com a arquiteta brasileira Solange Fabião, o complexo do museu é composto por um edifício envidraçado e uma praça com bordas curvas.

A forma do edifício deriva do conceito espacial "sob o céu" / "sob o mar". A laje côncava "sob o céu" cria uma praça central, aberta para o céu e apontada para o mar, com o horizonte ao longe. Embaixo da praça, no espaço interno do museu, o teto estrutural convexo "sob o mar" congrega os espaços de exposição. Por ser em parte enterrado, o edifício é capaz de autorregular sua temperatura, além de possuir um sistema de captação de águas pluviais e cobertura de paralelepípedos, que favorece

o crescimento de vegetação. O projeto venceu um concurso promovido em 2005.

A escolha da alcunha "Cidade", em vez de "Museu", antecipa que a obra, ainda um fragmento isolado em um subúrbio praiano pitoresco, tem potencial de estabelecer um compromisso com o resto do balneário, compondo um novo lócus de importância cultural e arquitetônica. Dentro da "cidade" é possível embarcar em divertidas viagens no mundo oceânico. Tudo foi pensado para despertar o máximo do ímpeto interativo nos visitantes. Ainda que alguns críticos afirmem o contrário, o "conteúdo" do museu ficou aquém da experiência de explorar o edifício em si e sua arquitetura única.

* Evoke Eyewear. All rights reserved.



EVOKE
#oculoscomalma

YOGINI

YOGINI.COM.BR
@YOGINIBRASIL

SP MorumbiShopping
Shopping Ibirapuera
Shopping Anália Franco
Shopping Villa Lobos

RJ BarraShopping

 YOGINI

Parte #3

Neo Ohana

por Marcella Aquila

Para as gerações que nasceram e cresceram deslizando pelos sete mares, provavelmente não existe segredo no que diz respeito ao significado de "ohana". Já para as novíssimas gerações, que nascem e crescem surfando nas ondas elétricas da www, talvez o sentido dessa palavra não seja assim tão claro, ou mesmo tão presente, como já foi em outros momentos. De qualquer maneira, seja lá ou seja cá, para nós hoje o que interessa é repensar e redesignar o sentido de "ohana", ou seja, pensar e desenhar o que pode vir a significar essa palavra. E para isso, é preciso resgatar sua essência no passado e ter olhos para ver quais possibilidades o futuro nos apresenta no presente.

"Ohana", em sua raiz havaiana, significa "família". E família, inicialmente, não no sentido restrito, dos laços de consanguinidade, mas também das pessoas que adotamos, que escolhemos amar e que estabelecem conosco laços de cooperação e cuidado mútuos. Ao pesquisar o seu significado na Wikipedia, por exemplo, é curioso notar dois pontos: 1. que recentemente, no Hawaii, o sentido do "ohana" se retraiu, abarcando apenas a família de sangue; e 2. as palavras relacionadas a "ohana" sugeridas pelo sistema: "aloha" e "ubuntu".

Se "aloha" tem uma relação evidente e direta com "ohana", por se tratar da mesma língua, a curiosidade fica por conta da associação com "ubuntu". Essa palavra-conceito tem origem na língua sul-africana *nguni bantu* e quer dizer, literalmente, "humanidade". Contudo, seu significado também é tomado de um modo mais abrangente, como a crença de que existe uma ligação maior, universal, que conecta toda a humanidade. Diante de uma concepção tão generosa como a de "ubuntu", que é similar e amplia o sentido primeiro de "ohana", parece no mínimo estranho que o uso da palavra, no Havaí, tenha se restringido nos tempos mais recentes.

Ao longo do percurso desta edição da Almasurf, tivemos uma meta muito clara em cima da qual construiríamos a revista: reconectar o surf à sua razão maior de ser. Isso porque nas últimas décadas o boom do mercado do surf e a profissionalização cada vez maior do esporte parecem ter levado o surf a um endurecimento, afastando-o de alguns de seus maiores baratos: a aventura, a descoberta, a superação de limites, o contato com a natureza, a convivência com a diferença...

Talvez essa retração no sentido de "ohana", no Hawaii, tenha a ver com esse possível endurecimento do esporte. Hoje, contudo, a popularidade cada vez maior do SUP – uma prática absolutamente inclusiva das modalidades com prancha – e a descoberta de novos picos, predominantemente no Atlântico, levam o surf não apenas a retomar a sua alegria e vivacidade como o colocam em contato com lugares onde a história e a cultura têm séculos de aprimoramento. As mulheres e crianças vão, cada vez mais, massivamente ao mar para pegar onda com seus maridos, namorados, amigos... As facilidades tecnológicas e de deslocamento permitem às pessoas praticar sob as ondas com mais frequência, e sem a necessidade de dedicação exclusiva ao surf. Designers, arquitetos, artistas, músicos, filósofos, economistas... todos pegando onda.

Para nós, essas são evidências de que o surf retoma o caminho de casa. E que a praia vem a ser aquele lugar democrático de troca e compartilhamento, onde não apenas nos reconhecemos, reconectamos e reaprendemos uns com os outros, mas também nos religamos com um organismo que perpassa e abriga a todos nós: a natureza. "Ohana", assim, volta a assumir seu sentido original e vai além: é "neo ohana" no momento em que não só restabelece nossos laços de consanguinidade humana, mas nos faz entender a nossa escala e dimensão no mundo.

Os textos que habitam esta parte são exemplos de quanto o sentido de "neo ohana" tem se tornado presente. "A inclusão das mulheres no surf" trata não apenas da mulher que pega onda, mas da maneira como o universo feminino incorpora o ambiente e a cultura de praia, transformando-os e sendo transformado por eles. Em "Surf for all", quatro surfistas amadores, ou seja, surfistas de coração, convivem e compartilham suas experiências com o surf. Em um relato de sua mais recente surftrip, esses personagens nos falam sobre coletividade, parceria, da responsabilidade do surfista como portador de uma imagem do Brasil e de quanto a prática do surf influencia e impulsiona suas relações com a vida e com suas profissões... Enfim, aproveitem! É tudo nosso.

Inclusão da mulher no universo do surf

por Alessandra Berlink e Luisa Campos

"O arqueólogo é o melhor marido que uma mulher pode ter: quanto mais velha ela fica, mais interesse ele tem por ela."
- Agatha Christie

A inclusão da mulher no universo do surf é ainda embrionária, não há tantas mulheres no segmento. Como executiva, tive o prazer de ser a primeira na liderança de umas das maiores empresas de boardsports do mundo. Acredito que coragem, autoconfiança, um propósito claro e paixão são ingredientes que nos fazem crescer como pessoas e como profissionais, independentemente do sexo.

As mulheres foram encontrando seu espaço e conquistando o respeito dentro deste ambiente. Temos a habilidade de nos conectar pela intuição, ousar e experimentar. O beachwear foi o responsável pelo fato de a mulher alcançar relevância nos negócios e criar uma interação com a moda, tanto no universo feminino como no masculino, conectando-se com o novo, com o estilo, com os ídolos, e sendo o próprio reflexo do estilo de vida.

Essa nova conexão das marcas de luxo com os boardsports reforça o quanto o DNA é importante nas marcas. O surf como moda vende esse conceito do espírito jovem, livre, da sensualidade, pele bronzeada, cabelos naturais, corpo definido e estilo de vida saudável. Características que sempre vão estar na moda.

Boho, Bohemian, Gipsy, Etnic são referências que estão ditando a tendência para a moda jovem, tudo a ver com o estilo praia, com cabelos soltos, tranças, muitas pulseiras, anéis de pedras, camisetas vintage de bandas, estampas étnicas... Elementos que passam a impressão

de que voltamos ao estilo hippie dos anos 1970. Porém, a leitura atual é mais edge, mistura peças masculinas e femininas, novas e antigas, e reforça o individualismo, o estilo próprio, sem deixar de mostrar o universo a que pertence. É a nova conexão.

Acredito que a inspiração nos conecta rápida e inconscientemente, fazendo com que a gente estabeleça uma relação antes mesmo de perceber. Minha inspiração foi quando fui ao Hawaii em 1997 e vi, pela primeira vez, Rell Sunn, americana campeã mundial e pioneira no universo do surf feminino. Com estilo, luz, alegria e superfeminina, ela refletia o verdadeiro significado de "aloha".

Inspirada nesse estilo de vida é que nasceu a marca Wahine, "mulher" em havaiano. A marca era feminina, sensual e ao mesmo tempo clássica, com modelos de biquínis maiores, criados especialmente para surfar.

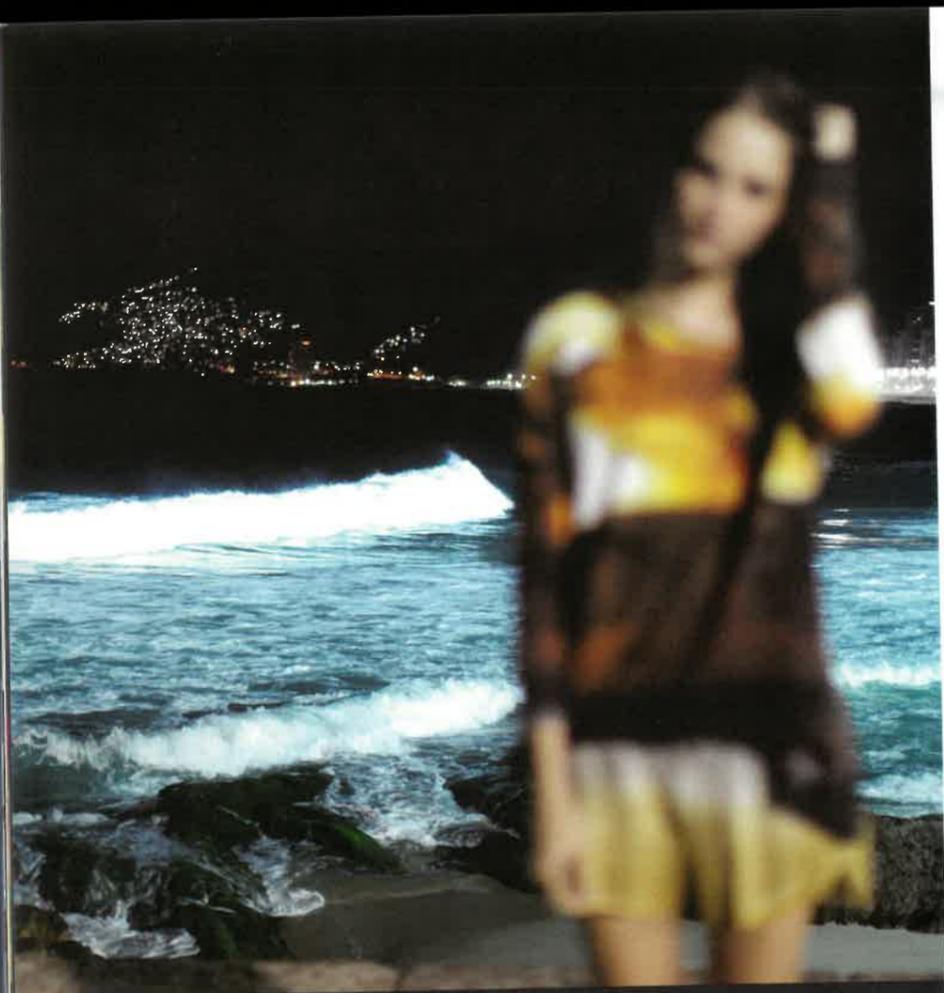
A evolução da moda surf feminina veio através da própria evolução do esporte. Tivemos nos anos 1990 um boom do bodyboarding, e todas as meninas queriam fazer parte dessa tribo, que conquistou várias competidoras e campeãs.

Nos anos 2000, o surf feminino começou a ganhar força com a parceria da Roxy com Lisa Andersen, americana quatro vezes campeã mundial. A marca inovou com boardshorts femininos, biquínis florais, acessórios. Criando um estilo completo para a surfista poder se vestir.

Assim, o mercado foi se consagrando, as marcas tradicionalmente masculinas criaram suas divisões, e nasceu o segmento feminino, quebrando paradigmas. Atualmente, no Brasil, o surf feminino ainda é mais estilo de vida do que surf de competição. A atleta que mais chegou perto do inusitado título mundial foi a Silvana Lima, uma guerreira, um talento que fez até agora, com Jaqueline Silva, o melhor time que o Brasil teve.

"Temos a habilidade de nos conectar pela intuição, ousar e experimentar."

Foto: Osklen



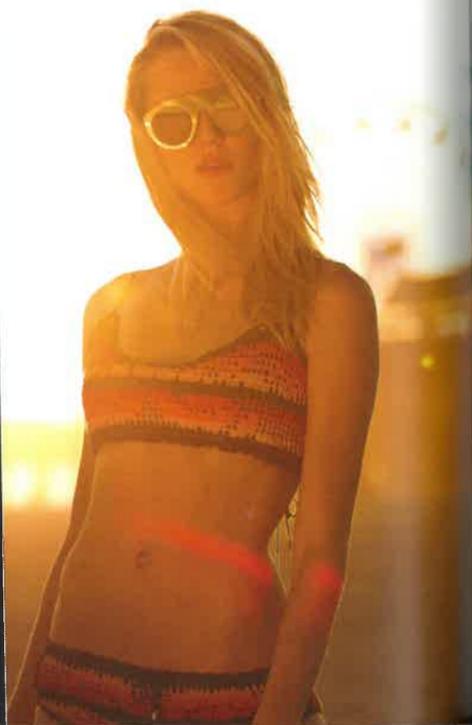
Acima, ao lado e abaixo: Fotos: Osklen

Mas, no momento, estamos com uma lacuna no esporte: onde estão as nossas atletas da próxima geração? Infelizmente o segmento não apoia o esporte, e acaba perdendo oportunidades de investir nas atletas brasileiras. O engajamento feminino no Brasil é de 60% de mulheres ativas nas redes sociais e 51% em consumo on-line: é uma forma de dizer que a mulher está pronta para novas conexões.

O poder de consumo é cada vez mais forte. No último WCT o público jovem feminino era impressionante, engajado e conectado com as atletas internacionais, que detectaram o melhor da nossa moda. Elas diminuíram seus biquínis para surfar, namoram brasileiros, são modelos e competidoras, mostrando assim um novo estilo, com sensualidade e alta performance, totalmente inspirador e atual.

Uma vez ouvi de uma amiga que o SUP fez ele voltar a namorar com a sua mulher na água. Fiquei refletindo sobre o fato de que o SUP trouxe uma nova onda para o segmento, criando um engajamento das mulheres com um novo esporte, que pode ser praticado coletivamente e em qualquer lugar, trazendo assim o verdadeiro aloha feeling.

O mercado despertou para mais uma oportunidade, um estilo inspirado no fitness, categoria de importante faturamento no



“Não há regras,
não há limites
para inspirar
através desse
estilo de vida.”



Foto: Roxy

surfwear e com forte característica feminina, levando em conta o conforto. Essa conexão orgânica promete passar de geração para geração e possivelmente se tornar esporte olímpico.

Estamos em um momento muito bacana, porque fazemos parte dessa tribo que tem uma tendência de comportamento cada vez mais voltada ao estilo de vida saudável, visando cuidados com a saúde, alimentação orgânica, ioga e meditação para trazer equilíbrio, empreendedorismo criativo.

A Chanel, por exemplo, marca de luxo tradicional de grande êxito, trouxe o surf como inspiração para a consumidora jovem, para rejuvenescer a marca sem perder a autenticidade. Na última campanha do perfume Chanel Nº 5, o item mais vendido da marca até hoje, a modelo Gisele Bündchen vive uma surfista profissional com certo romantismo, mas sem perder o DNA do surf – é uma visão feminina, de uma surfista bem-sucedida. Isso mostra que não há regras, não há limites para inspirar através desse estilo de vida.



Surf for all

por Marcella Aquila

“Vamos fugir / deste lugar, baby / vamos fugi-ir”... Quantas vezes, naquela tarde de trânsito caótico, comum em qualquer contexto metropolitano, esse Gil não tocou na sua cabeça? Ou, em um dia de trabalho arrastado, daqueles em que, por mais esforço de concentração que você faça, o pensamento está longe, a quilômetros dali? É possível que cada um tenha sua própria trilha sonora para esses momentos, ainda que a tônica, comum a todos eles, seja a vontade de encontrar um contraponto às exigências com as quais convivemos diariamente. O fato é que, para muitos, esse contraponto está bem ali, abaixo das zonas de pressão, em um ambiente ao mesmo tempo de limite e sem fronteiras, onde, no horizonte amplo, o céu encontra a terra... Na linha do mar.

Para Eduardo Faiguenboim (Dudu), Fabio Hacker (Alemão), Francisco Ferreira (Chico) e Sergio Fahrer, ir de encontro ao mar significa não apenas uma pausa necessária ao estresse cotidiano, mas um compromisso de renovação de sua própria vitalidade e do amor pelo que fazem através da conexão com algo maior – a natureza. Para esses quatro profissionais, cujas carreiras assumem cada vez mais destaque em suas áreas, a paixão pelo surf é também o fio condutor para descobrir novas culturas, cultivar amizades antigas, inaugurar novos laços, meditar, viver plenamente o presente, expandir sua percepção do mundo e... se reaproximar de seus valores mais caros. Essa paixão foi também o mote para a mais recente aventura que tiveram juntos: uma surf trip para o Chile. Em uma tarde animada de sexta, os quatro

amigos se reuniram com a Almasurf para contar um pouco sobre as experiências que tiveram nessa viagem.

“Tudo começou com o Chico”, dizem, que chamou o Dudu, que chamou o Sérgio, que não conhecia o Chico nem o Alemão, que também não conhecia o Dudu... “Acho melhor fazer uma planilha no Excel”, diz Alemão brincando. Foram seis dias estrategicamente marcados entre um domingo e uma sexta, para caberem nas agendas de todos. Dias de despreocupação total, em que as convenções cederam lugar ao frio, o chão duro da sala, cabelo grudado de sal e a mesma roupa quase o tempo todo. Dias de contação de histórias e de convivência que geraram muitas outras histórias – da invenção do “turbo surf” pelo Chico, das



habilidades do Sergio como adestrador de cães (a pretinha que os adotou na viagem), até um episódio da mais pura diplomacia entre Brasil e Chile, quando os caras saíram d'água pra consertar a prancha de um surfista chileno que entrou mal na onda... Sim, o pessoal foi pra trip munido de lixadeira e tudo: "Quem pega onda com pranchão sabe, o negócio quebra!", justifica Dudu – o dono na lixadeira.

Durante a conversa, são inúmeras as reflexões e saldos positivos que vão surgindo, sobretudo quando perguntamos de que maneira eles voltam pra vida na megalópole, depois de uma trip como essa. Todos são unânimes em ressaltar que a convivência em grupo, mais do que um fator limitante, operou exatamente da maneira oposta – como um estímulo para que as individualidades pudessem sobressair e se articular como complementares. "Eu fiz todos os rangos da viagem, o Dudu não largava o ukelele – tocava dezoito músicas toda manhã –, o Sergio foi nosso shaper no caso do surfista chileno...", conta Chico, que complementa dizendo que boa parte das experiências colhidas nessa viagem foram fruto do simples fato terem se arriscado e ido – atitude fundamental tanto no surf como na vida: "Foi muito inspirador pra mim perceber que, na história de vida de cada um ali, houve riscos que foram assumidos... O Alemão como diretor de filmes, o Dudu como músico, o Sergio com o mobiliário dele... É como no *Endless Summer*, quando o cara vira e fala que muita coisa pode dar certo na vida e outras não acontecem porque as pessoas não se arriscam... Então às vezes você só precisa remar e ir...".



Fotos: Eduardo Faiguenbaum

E não apenas eles foram e fluíram, como o fio dessa conversa não acabou em lembranças da finda viagem, mas nos planos para um bate-volta na próxima semana, dessa vez com um integrante novo – o filho mais novo do Sergio: "Ele aprendeu a andar de skate com o Dudu e é simplesmente apaixonado! Agora quer aprender a pegar onda e ir com a gente... Acho fundamental e saudável essa troca e convivência entre gerações", finaliza Sergio.

Nas páginas a seguir, vocês conferem um pouco mais de cada um desses personagens em uma breve entrevista individual em que perguntamos sobre a experiência deles com o surf e como essa prática influencia a vida de cada um.



Fotos: Acervo pessoal de Sergio Fahrer



Sergio Fahrer

1. De que maneira o surf influencia a sua produção, o seu trabalho?

O surf esteve presente em vários momentos e fases da minha vida pessoal e profissional. Comecei a surfar quando já tinha uns 20 anos, e de cara me identifiquei com os longboards. No início, os longs me acompanhavam nas viagens de final de semana para Ubatuba com uma turma de amigos, e depois, quando fui estudar em Los Angeles, no MIT (Musician Institute of Technology), comprei outro long, que me fez conhecer várias praias e picos legendários com meu amigo e músico Tuto Ferraz. O surf tem uma certa influência no meu trabalho. Como designer, estou em constante observação, pesquisa de matérias-primas inovadoras e técnicas construtivas. Me lembro de ver alguns shapers, como o Thiola e sua equipe, fabricando manualmente algumas pranchas, o que me fascinava. Eu adorava ficar observando como eram construídos os longs, e me apaixonei por

um de madeira com nervuras estruturais de compensado naval, recobertas por balsa. Ver como eram feitas as pranchas me instigou a criar as minhas primeiras peças em fibra de vidro, as poltronas Slick e Glide, ambas feitas nesse material.

2. Como as viagens em busca da onda perfeita e a convivência com os parceiros de surf, muitas vezes de diferentes formações, trajetórias e origens, mudam o seu modo de ver e atuar no mundo?

Sempre acompanhei os amigos nas trips, mas sem a preocupação com ondas perfeitas. Queria estar na companhia deles e em contato com o mar e a natureza. Pra mim, o surf tem uma relação maior do que apenas pegar onda. Pra mim, surfar é estar em contato com o entorno, mais do que apenas me aprimorar nas técnicas. Mas o que de longe me fascina é estar entre amigos, ouvir suas histórias, experiências, trocar impressões e fazer novos amigos. Nesta trip com o Dudu, o Chico e o Fábio,

nossa identificação foi grande, e tivemos momentos incríveis. A minha sensação era de conhecê-los desde sempre, como se fôssemos amigos de infância. Essas trocas provocam um movimento que se reflete no meu cotidiano e que abre novas provocações pessoais e profissionais. Qual é a nossa próxima trip, brothers?

3. O que você tem pra dizer sobre o surf para quem não pega onda?

Eu não sou um grande surfista, muito pelo contrário. Houve momentos na minha vida em que surfei com mais frequência, e tive longos períodos sem surfar. Nesta trip, eu estava sem pegar onda havia um ano e meio, e foi com a força dos amigos que voltei a surfar. Portanto, pra quem pega onda de vez em quando ou pra quem nunca pegou, o que vale é a experiência de estar entre amigos, de estar em contato com o mar, com a natureza. Pode parecer piegas, mas, pra mim, surfar é se entregar de corpo e alma!

Eduardo Faiguenboim

1. De que maneira o surf influencia a sua produção, o seu trabalho?

O meu dia a dia é muito exigente, já que, além de ser o gestor de uma empresa com cinquenta funcionários e que gerencia cem eventos por ano em média, preciso estudar, ensaiar e tocar/cantar... Tenho que estar muito concentrado para dar conta de tudo e, de algum jeito, arranjar um tempo para descansar e manter as baterias carregadas. Apesar de eu praticar outros esportes durante a semana, é no surf e só no surf que consigo realmente desligar. Dessa forma, o surf é o principal contraponto da minha rotina. Assim como numa meditação (que eu também já tentei bastante), no surf consigo deixar o trabalho de lado e me concentrar somente em coisas boas, recarregar a bateria e apagar os arquivos guardados na lixeira da minha cabeça. Um dia de surf pra mim é suficiente para recuperar pelo menos uma semana de trabalho. 2014 foi, entre os últimos cinco, o ano que eu mais consegui surfar. Quanto mais eu surfo, mais vejo o quanto o meu trabalho depende dessa válvula de escape.

2. Como as viagens em busca da onda perfeita e a convivência com os parceiros de surf, muitas vezes de diferentes formações, trajetórias e origens, mudam o seu modo de ver e atuar no mundo?

Como respondi na pergunta anterior, ao conseguir me livrar dos arquivos guardados na lixeira, numa viagem de surf percebo que me torno uma pessoa bem mais apta a escutar os outros, o que ameniza um grande problema meu. Dessa forma, é numa viagem de surf que consigo absorver de maneira plena as histórias de vida das outras pessoas, refletir e permitir que as suas experiências me transformem e façam de mim uma pessoa melhor. Para mim, pelo fato de eu poder estar de maneira plena em uma viagem de surf, o vínculo que consigo estabelecer com as pessoas que fazem parte dela acaba sendo muito maior do que se eu viesse a conhecê-las no dia a dia. É assim como eu me sinto em relação ao Fabio, a quem só vim a conhecer nessa viagem para o Chile...

3. O que você tem pra dizer sobre o surf para quem não pega onda?

O surf é uma daquelas experiências que demandam que você se entregue de maneira plena. Assim como tudo o que podemos fazer dessa forma, o surf permite que experimentemos o mundo de uma maneira diferente, permite que exercitemos os nossos sentidos e a nossa compreensão das coisas. Poucas coisas na vida permitem isso: um grande amor, uma meditação... Não tem como não perceber isso surfando. É claro que, para que se possa vivenciar o surf de maneira plena, é preciso um pouco de prática, assim como para a meditação é até mesmo para o amor. Mesmo assim, não há dúvida. No dia em que percebemos que conseguimos atingir esse nirvana, não tem como viver a vida sem ele...



Fotos: Acervo pessoal Eduardo Faiguenboim



Francisco Ferreira

1. De que maneira o surf influencia a sua produção, o seu trabalho?

O surf me influencia no modo como eu vejo a vida. Acho que o principal objetivo do surf é divertir. É o "fun, fun, fun" da música dos Beach Boys. Existe algo de ingênuo, de puro, quase infantil nisso. Mas é algo muito importante que tendemos a perder com as responsabilidades e preocupações da vida adulta.

Sempre olhei para o meu trabalho com esse olhar. Queria fazer algo divertido. Onde as pessoas se divertissem. Cozinhar pode ser incrivelmente divertido, se você buscar aprender. Por isso, quando montei meu restaurante, foi esse sentimento que eu quis passar. Um lugar divertido, menos rígido, menos tenso. Como a vida, como o surf.

2. Como as viagens em busca da onda perfeita e a convivência com os parceiros de surf, muitas vezes de diferentes formações, trajetórias e origens, mudam o seu modo de ver e atuar no mundo?

Viajar é um bônus que o surf nos proporciona. Sair do conforto de casa, arriscar, descobrir ondas, lugares e pessoas novas... Comecei a fazer isso com 15 anos, na

minha primeira trip para Garopaba, e nunca mais parei. Acho que já surfei em todos os continentes, e sou muito grato por ter experimentado tanto do mundo. Em cada viagem conheço alguém novo, ouço novas histórias; é importante ouvir e aprender com o outro. É uma riqueza que muda a maneira como a gente é. Sempre que penso se compro ou não uma passagem, me lembro que é melhor acumular estórias do que dinheiro. Esse é o meu lema! [Risos]

3. O que você tem pra dizer sobre o surf para quem não pega onda?

Nunca é tarde para aprender. Sempre dá tempo! Minha namorada começou a pegar onda há pouco tempo e está encantada com o surf! Infelizmente existe uma coisa muito babaca hoje em dia que é essa coisa do pro, semipro, quase-pro, wannabe pro, que faz o surf ficar meio sério, tenso, e perder sua natureza de brincadeira e diversão. Surf tenso é feio. É só olhar esse monte de profissionais que fazem mil manobras, mas não transmitem prazer enquanto surfam a onda. Comece a surfar para se divertir, do seu jeito, por amor, pura e simplesmente, e você vai descobrir como pode ser gratificante um bom dia de surf.



Fotos: Acervo pessoal Francisco Ferreira

Fabio Hacker



1. De que maneira o surf influencia a sua produção, o seu trabalho?

A minha relação com o surf vem desde os meus 9 anos, quando comecei a surfar no Guarujá, nas pranchas de isopor Cabo Frio. Após os 18 anos, quando realmente comecei a pegar no batente, buscava em meus trabalhos uma maneira de o surf fazer parte da minha vida, mesmo morando em Sampa.

Uma das coisas que mais me inspiram, limpam minha mente e ajudam muito no meu trabalho como diretor de filmes é poder acordar antes do amanhecer, pegar a estrada com os amigos, cair no mar, surfar boas ondas, contemplar a natureza e estar de volta ainda pela manhã, pronto pra mais um dia de trabalho; ou seja, o surf me influencia e ajuda muito nisso, me dá equilíbrio e vontade de trabalhar, de criar.

2. Como as viagens em busca da onda perfeita e a convivência com os parceiros

de surf, muitas vezes de diferentes formações, trajetórias e origens, mudam o seu modo de ver e atuar no mundo?

O surf é muito mais do que o ato de surfar. Em todos esses anos em que tive a oportunidade de estar no mar e realizar viagens em busca de ondas perfeitas, as coisas mais importantes foram as amizades que fiz, o relacionamento que estabeleci com a natureza e o respeito por todos os povos e pessoas. O surf me ajudou muito a olhar as coisas de uma maneira mais simples, mais pura. É maravilhoso quando, em uma surf trip, você viaja com pessoas que te colocam pra pensar, pra refletir; e você ouve a história de vida dessas pessoas e recebe uma lição maravilhosa, percebe uma outra maneira de encarar a vida e os problemas. Na verdade, não é o surf que te faz uma pessoa melhor e sim os lugares, as pessoas, o respeito e o amor que você estabelece com a experiência que está vivendo, com cada pessoa com quem você se relaciona.

3. O que você tem pra dizer sobre o surf para quem não pega onda?

O surf é um esporte que te dá a possibilidade de estar no oceano, com a natureza. Estando nesse ambiente, você fica mais atento a situações com que talvez você não estivesse aberto a se relacionar, como os ventos, as marés, as correntes, os pássaros, os peixes, etc.

É como um grande cardápio de opções, e o prato principal pode ser deslizar numa onda lisa, perfeita, com os amigos; e a certeza de que basta você remar de volta que uma nova onda pode estar vindo pra você, totalmente diferente da anterior, te trazendo uma outra sensação, uma outra maneira de surfá-la.

A imprevisibilidade do surf é uma das coisas que mais me atraem e me mantêm apaixonado por esse esporte, que se tornou um estilo de vida pra mim.



Fotógrafo e surfista, Morgade não dispensa nunca a prancha e a câmera. Em "Surf for all", é dele o registro fotográfico de nossa conversa na mesa do bar.

José Maria Morgade



Fotos: José Maria Morgade

Totalmente contagiado pela água e, mais recentemente, pelo stand-up paddle, nem parece que nasceu em Ribeirão Preto (1957), interior de São Paulo. Reconhecido pela fotografia de moda, que exerce desde 1988, já realizou trabalhos para as mais importantes revistas nacionais e internacionais, com capas e editoriais por todo o mundo: *Elle* Japão, Chile, Brasil, *Vogue* Brasil, *Marie Claire*...

Além de ser o grande fotógrafo que é, com campanhas para algumas grandes marcas como Calvin Klein, HSTern, Speedo, entre outras, quem o conhece sabe que qualquer editorial realizado com Morgade é garantia de infinitas histórias de surf, de sua vida na praia e de suas experiências como fotógrafo mundo afora.



AVOS



Chloé Calmon
Entre as 10 melhores surfistas
de longboard do mundo.

ENERGIA QUE IMPULSIONA O BRASIL.

Você sabia que a Eletrobras Furnas possui mais de 20.000km de linhas de transmissão de energia no Brasil? Essa é a força que o Brasil precisa. E o esporte brasileiro também. A Eletrobras Furnas apoia os atletas brasileiros.



Ministério de Minas e Energia



almasurf

Improve Produção e Curadoria Editorial Ltda.
Romeu Andreatta Filho

Publisher
Romeu Andreatta Filho

Editor Convidado
Andre Poli

Planejamento e Produção
Renata Tripoli

Gerente de Promoção e Comercial
Patricia Mekitarian

Gerente Financeiro e Administrativo
Fabio Pilch

Direção de Arte e Criação
Marcella Aquila

Assistente de Redação
Vitor Hugo Souza

Estagiária de Redação
Luisa Campos

Estagiária de Arte e Criação
Jéssica Rossi Lenzi

Revisão
Francisco José M. Couto

Projeto Gráfico e Editorial
Velvet Design Conectivo

Assistente de Arte e Criação
Fred Hollaender

Tráfego
Joao Carlos Ferreira de Araujo

Advocacia
Amauri Correa

Serviços Gerais
Dorikas Xavier

Jornalista Responsável
Romeu Andreatta Filho

